

## **O Retorno de Ulisses**

*Titus Burckhardt*

Toda via que conduz a uma realização espiritual exige que o homem se despoje de seu eu comum e habitual a fim de se tornar verdadeiramente “si mesmo”, transformação que não acontece sem o sacrifício de riquezas aparentes e de pretensões vãs, portanto sem humilhação, nem sem combate contra as paixões das quais o “velho eu” é tecido. É por isso que se encontra na mitologia e no folclore de quase todos os povos o tema do herói real que volta ao seu próprio reino sob a aparência de um estrangeiro pobre ou mesmo de um saltimbanco ou de um mendigo, para reconquistar, depois de muitas provas, o bem que lhe pertence legitimamente e que um usurpador lhe havia roubado.

Em vez de um reino a reconquistar, ou paralelamente a este tema, o mito fala freqüentemente de uma mulher maravilhosamente bela, que pertencerá ao herói que souber libertá-la dos bloqueios físicos ou mágicos pelos quais uma força adversa a retém prisioneira. No caso de esta mulher já ser a esposa do herói, a idéia de que ela lhe pertence de direito fica reforçada, assim como a significação espiritual do mito, segundo a qual a esposa liberta das forças hostis não é senão a alma do herói, ilimitada em seu fundo, e feminina porque complementar à natureza viril do herói.<sup>1</sup>

Todos esses temas mitológicos são encontrados na última parte da Odiséia, a parte que descreve o retorno de Ulisses a Ítaca e a sua própria casa, que ele encontra invadida por jovens pretendentes à mão de sua mulher que dilapidam seus bens e o fazem sofrer toda sorte de humilhações até o momento em que ele se dá a conhecer, não somente como o senhor da casa, mas como o juiz implacável e quase divino que os julgará.

É esta parte da epopéia, também, que contém as alusões mais diretas ao domínio espiritual, alusões que provam que Homero estava consciente do sentido profundo dos mitos que transmitia ou adaptava. Estas aberturas são, contudo, raras e como que neutralizadas por uma tendência de certo modo naturalista, preocupada em manter medidas demasiado humanas. Que contraste com as grandes epopéias hindus como o Mahâbhârata, por exemplo, ou mesmo com a mitologia germânica, na qual é precisamente o inverossímil, o desmedido, o

---

<sup>1</sup> Um caso particular é o mito hindu de Râma e Sîtâ, no qual Sîtâ, libertada dos demônios, é repudiada por Râma, malgrado sua fidelidade.

descontínuo e até o monstruoso que marcam a presença de uma realidade transcendente!

Os últimos cantos da *Odisséia*, aliás, fazem parte do enquadre-narrativo, pois é como hóspede dos feácios que Ulisses conta suas aventuras desde que ele deixou Tróia, de modo que toda essa peregrinação se apresenta retrospectivamente como um longo e doloroso retorno à pátria, várias vezes impedido pela insubmissão ou pelo desatino de seus próprios companheiros, pois são eles que, durante o sono de Ulisses, abrem os odres nos quais Eólio, o deus do ventos, havia encerrado os ventos hostis, confiando-os aos cuidados do herói. As forças demoníacas imprudentemente libertadas lançam longe de seu objetivo a pequena frota. São também os mesmos companheiros que matam o gado sagrado do deus do Sol, atraindo assim sobre eles sua maldição. Ulisses será obrigado a visitar as regiões hiperbóreas e lá consultar Tirésias antes de retomar o caminho da pátria; só ele se salva, sem seus companheiros; naufrago, desprovido de todos os bens, ele atinge finalmente a ilha dos feácios, que o acolhem generosamente. Eles o transportam a Ítaca e o depõem *dormindo* na praia. Assim, Ulisses atinge a pátria tão desejada sem o saber; pois, quando acorda, não reconhece de imediato o país, oculto pelas brumas, até que Atena, sua protetora divina, faz a certeza se dissipar e lhe mostra sua terra natal.

Nesse local se situa a famosa descrição da gruta das ninfas, na qual Ulisses, seguindo o conselho de Atena, esconde os preciosos presentes recebidos dos feácios. Segundo Porfírio, o discípulo e sucessor de Plotino, esta gruta é uma imagem do mundo inteiro, e veremos a seguir em que se baseia essa interpretação.<sup>2</sup> Uma coisa é certa: a visita de Ulisses à gruta marca a entrada do herói num espaço sagrado; doravante, a ilha de Ítaca não será somente a terra natal do herói, ela será como que uma imagem do centro do mundo.

Homero, contudo, apenas toca levemente nesta dimensão; como sempre, quando fala de realidades espirituais, ele se exprime por alusão:

*“Na beira do porto havia uma oliveira muito frondosa,  
E perto dela uma gruta agradável, escura,  
Consagrada às Ninfas que se chamam Náíades.  
Em seu interior há taças e ânforas  
De pedra, onde abelhas conservam o mel.  
Lá também há altos teares de pedra, sobre os quais as Ninfas  
Tecem panos púrpura, maravilhosos de se ver;*

---

<sup>2</sup> Cf. Porfírio, *De antro nympharum*.

*Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização por escrito dos detentores dos direitos.*

*Lá também, a água corre sem cessar. Duas são as portas,  
Uma, que desce em direção a Bóreas, é feita para os homens,  
A outra, voltada para o sul, tem um caráter mais divino;  
Os homens não a cruzam, porque ela é o caminho dos imortais.”*  
(XIII, 102-112)

Segundo Porfírio, a pedra da qual são feitos a caverna e os objetos que nela se encontram representa a substância ou matéria plástica da qual o mundo é uma coagulação, porque a pedra só tem forma na medida em que alguma lhe é dada. O mesmo vale para a água que jorra da rocha: é outro símbolo da substância, considerada, desta vez, em sua pureza e fluidez originais. A caverna é escura porque ela contém o cosmo em potência, em um estado de relativa indiferenciação. As vestimentas que as ninfas tecem nos altos teares de pedra são as vestimentas da própria vida, e sua cor púrpura é a do sangue. Quanto às abelhas que põem o mel nas crateras e nas ânforas de pedra, elas são, como as Náiades, potências puras a serviço da vida, pois o mel é uma substância incorruptível. O mel é também a essência ou a “quintessência” que preenche os receptáculos da matéria.

Assim como a grande caverna do mundo, a gruta sagrada tem duas portas, uma, boreal, para as almas que descem ao devir, e a outra, meridional, que só pode ser cruzada por aqueles que, imortais ou imortalizados, elevam-se ao mundo dos deuses<sup>3</sup>. Trata-se das duas portas solsticiais, *januæ cæli*, que são, na verdade, duas portas no tempo, ou mesmo fora do tempo, pois elas correspondem aos dois retornos do ciclo anual, aos dois momentos de parada entre a fase expansiva e a fase contrátil do movimento solar. Para compreender a alusão de Homero, é preciso estar atento para o fato de que o “local” do solstício de inverno, Capricórnio, se situa no meio do ciclo meridional da órbita solar, enquanto que o “local” do solstício de verão, Câncer, se situa no meio do ciclo setentrional ou boreal.

Porfírio nos lembra também que a oliveira sagrada que se eleva perto da gruta é a árvore de Minerva, e que suas folhas se viram no inverno, obedecendo ao ciclo anual do Sol. Acrescentemos que essa árvore é, aqui, a imagem da árvore do mundo, cujos tronco, galhos e folhas representam a totalidade dos seres.<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> Segundo a escatologia helênica, não há senão a alternativa da libertação pela divinização ou do retorno ao devir; ela não concebe a estada permanente das almas num paraíso, pois essa estada só é possível à sombra espiritual de um salvador ou mediador.

<sup>4</sup> Observemos que a oliveira é uma árvore sagrada não somente para o mundo “pagão”, mas também para o judaísmo e para o islã.

Há uma coisa que Porfírio não menciona, e é que a gruta sagrada é antes de tudo um símbolo do coração. É neste contexto, no entanto, que o gesto de Ulisses ao confiar todos os seus tesouros à guarda das divinas Náiades adquire toda sua significação: doravante ele é como um “pobre de Espírito”, interiormente rico e exteriormente indigente <sup>5</sup>. Atena, com sua magia, lhe confere o aspecto de um velho pobre.

O fato de que Ulisses é o protegido de Palas Atena, a deusa da sabedoria, obriga-nos a crer que a astúcia, da qual ele dá mostras a todo momento, e que é quase seu traço mais saliente, não tinha no cosmo espiritual dos gregos da antigüidade o papel negativo que assumia para um cristão como Dante, que coloca Ulisses na regiões mais terríveis do inferno, como mentiroso e enganador por excelência. Para os gregos, a astúcia de Ulisses derivava de uma faculdade em si positiva de dissimulação e de persuasão; era o sinal de uma inteligência soberana e quase uma magia do espírito adivinhando e penetrando o pensamento de cada um. Tomemos como referência Porfírio, que analisa a natureza espiritual e moral de Ulisses da seguinte maneira: “Ele não podia se libertar facilmente desta vida sensível, já que ele a tinha cegado (em Polifemo) e tinha-se esforçado para aniquilá-la de um só golpe... Pois aquele que ousa fazer coisas como essas é sempre perseguido pela cólera das divindades marinhas e materiais.<sup>6</sup> Ele deve, portanto, reconciliar-se com elas, a princípio com sacrifícios, depois com as penas de um mendigo e outros atos de perseverança, ora combatendo as paixões, ora agindo com encantações e dissimulações, e passando, desta forma, através de todas as modalidades, para que, por fim, despojando-se de seus próprios andrajos, possa tornar-se senhor de tudo.”<sup>7</sup>

Os habitantes de Ítaca pensam que Ulisses está morto; a própria Penélope, a esposa fiel, duvida que ele possa algum dia voltar. Na realidade, ele já voltou, estrangeiro em sua própria casa e como que morto para esta vida. Ao pedir esmolas aos pretendentes que abusam de seus bens, ele os põe à prova, e ele mesmo é provado. Enquanto ele não viera, eles eram relativamente inocentes; agora eles se carregam de faltas pelos ultrajes para com o estrangeiro, enquanto que Ulisses é justificado em sua intenção de os exterminar.

---

<sup>5</sup> No esoterismo islâmico, os iniciados se chamam “pobres para com Deus” (*fugarâ ilâ-Llâh*).

<sup>6</sup> Alusão à cólera de Poseidon, deus do oceano, cujo filho, Plifemo, Ulisses havia cegado. Segundo Porfírio, o oceano representa a substância universal sob seu aspecto terrível.

<sup>7</sup> Porfírio, *op.cit.*

Segundo um aspecto mais interior das coisas, os orgulhosos pretendentes são as paixões que, no próprio coração do herói, tomaram posse de sua herança inata e que procuram roubar-lhe a esposa, o fundo puro e fidelíssimo de sua alma. Contudo, despojado da falsa dignidade de seu “eu”, tornado pobre e estrangeiro para si mesmo, ele vê essas paixões como elas realmente são, sem ilusões, e decide combatê-las até a morte.

A fim de provocar um ordálio, Ulisses sugere a sua mulher que convide os pretendentes a um concurso de habilidade com arco e flecha. Trata-se de curvar o arco sagrado que pertence ao senhor da casa e de disparar uma flecha através dos orifícios de doze machados alinhados e fincados no solo.

O concurso tem lugar quando da festa de Apolo, pois o arco é a arma do deus solar. Lembremos, em conexão com isto, as provas análogas que sofrem, segundo a mitologia hindu, certos avatares de Vishnu como Râma e Krishna, e mesmo o jovem Gautama Buda: é sempre o arco do deus solar que eles vergam.

Os doze machados fincados no solo, e através de cujos orifícios era preciso atirar a flecha, representam os doze meses ou as doze casas zodiacais que medem o percurso do Sol. O machado é um símbolo do eixo, como indica seu nome germânico (*Axt*, em alemão, e *ax*, em inglês),<sup>8</sup> e o orifício do machado, que devia estar localizado no alto do cabo<sup>9</sup>, corresponde à porta “axial” do Sol quando do solstício. Ora, só há dois solstícios no ano, mas cada mês corresponde, em princípio, a um ciclo lunar, análogo ao ciclo solar e contendo, por sua vez, uma passagem “axial” que repete de certo modo o solstício, de onde a série dos doze machados. Seu número, de resto, tornava a prova mais difícil.

Não sabemos com certeza qual forma tinham os machados que Homero tinha em mente; podiam ser machados de guerra simples, ou podiam ter a forma dos machados cretenses, de lâmina dupla. Neste último caso, seu significado ao mesmo tempo axial e lunar ficava particularmente evidente, pois as duas lâminas do *bipennis* se assemelhavam às fases opostas da Lua, à lua crescente e à minguante, entre as quais, de fato, se situa o eixo celeste.

O trajeto da flecha simboliza, portanto, o caminho do Sol; poder-se-ia objetar que esse caminho não é uma linha reta, mas um círculo; ora, o caminho do Sol não se situa somente no espaço, mas também no tempo, que se compara

---

<sup>8</sup> “Eixo”, em francês, língua do original deste ensaio, é *axe*, o que mostra de maneira ainda mais evidente a etimologia de que se trata. (N.do T.)

<sup>9</sup> Alguns interpretam este texto no sentido de que os machados estavam desprovidos dos cabos e fincados no solo por suas lâminas, o orifício pelo qual a flecha devia passar sendo precisamente aquele no qual se encaixa o cabo. Mas isto significa que a flecha devia ser atirada a dois palmos do solo, o que é praticamente impossível. Há que se acreditar, portanto, que o orifício em questão se situava na extremidade superior do “eixo” e servia normalmente para pendurar o machado na parede.

a uma linha reta. Por outro lado, a flecha enquanto tal simboliza o raio que o deus solar dispara sobre as trevas.

A potência do Sol é ao mesmo tempo som e luz: quando Ulisses consegue vergar o arco sagrado e faz vibrar a corda de “voz de andorinha”, seus inimigos sobressaltam-se e pressentem o fim terrível que ele lhes prepara, antes mesmo que ele lhes tenha revelado sua verdadeira natureza, a do herói protegido de Atena.

A descrição do massacre que se segue é a tal ponto horrível que nos repugnaria, não fosse o fato de Ulisses encarnar a luz e a justiça, enquanto que os pretendentes representam as trevas e a injustiça.

É só depois de ter matado os pretendentes e purificado a casa completamente que ele se dá a conhecer a sua esposa.

Penélope, como dissemos, representa a alma em sua pureza original, esposa fidelíssima do espírito. O fato de que ela teça seu vestido nupcial de dia e o desfça à noite para enganar seus pretendentes indica que sua natureza é relacionada à substância universal, princípio ao mesmo tempo virginal e maternal do cosmo: como ela, a Natureza (*physis*, no helenismo, ou *Mâyâ*, no hinduísmo) tece e desfaz a manifestação segundo um ritmo incessantemente renovado.

A união tão desejada do herói com a fiel esposa significa, portanto, o retorno à perfeição primordial do estado humano. Aqui, Homero o indica claramente pela própria boca de Ulisses, quando este enumera os sinais pelos quais sua mulher o reconhecerá: ninguém, a não ser os dois, conhecia o segredo de seu leito nupcial, como Ulisses o havia edificado e tornado inamovível: com suas próprias mãos ele tinha construído a câmara nupcial ao redor de uma velha e venerável oliveira, cujo tronco ele tinha depois cortado na altura de um leito, talhando na parte solidamente enraizada o suporte da superfície, feita de correias trançadas. Como na descrição da gruta das ninfas, a oliveira é a árvore do mundo; seu óleo, que alimenta, cura e serve de combustível para as candeias, é o próprio princípio da vida, *têjasa*, segundo a terminologia hindu. O tronco da árvore corresponde ao eixo do mundo, ao “local” onde as oposições e os complementares, como o ativo e o passivo, o homem e a mulher, o espírito e a alma, se unem. Quanto à câmara nupcial erguida ao redor da árvore, ela representa a “câmara” do coração, através do qual passa o eixo espiritual do mundo, e no qual se realiza o casamento do espírito com a alma.

(tradução do francês por Alberto Queiroz)